



ENTRE O PÚBLICO E O PRIVADO: FORMAÇÃO IDEOLÓGICA NA CURADORIA DE LIVROS INFANTIS PARA AMBIENTES ALFABETIZADORES DE CRIANÇAS DE ZERO A DOIS ANOS

Nayana Ferraz¹

A últimas pesquisas da Nielsen Bookdata (2023, 2025) sobre panorama de consumo de livros no Brasil indicam que apenas 16% da população adulta compraram ao menos um livro no ano de referência. Entretanto, seria um equívoco considerar que aqueles que não compram livros ignoram a importância da leitura: 84% disseram que ler livros é uma atividade importante ou muito importante. Por que, então, não os compram? A questão certamente não é de disponibilidade de produtos: em *Mercadores de Cultura*, Thompson ([2011] 2013) destaca que atualmente há mais livros disponíveis do que nunca, de modo que a preocupação real do sistema editorial concentra-se na diversidade dos livros que são efetivamente notados, comprados e lidos. E o preço continua sendo apontado como principal barreira.

Em pesquisas recentes (p.e., IPL, 2024; Nielsen, 2025) o livro, enquanto objeto de consumo, parece ter maior penetração nas classes A/B e em lares com escolarização acima do ensino médio. Para Emilia Ferreiro (2017), a “informação que uma criança que cresce em um ambiente alfabetizado recebe cotidianamente é inacessível para aqueles que crescem em lares com níveis de alfabetização baixos ou nulos”. Em uma formação social atravessada por desigualdades tão profundas como a brasileira, em que o objeto-livro é considerado caro pela maior parte da população e a formação leitora é naturalizada como responsabilidade escolar, o acesso ao livro no espaço doméstico permanece um privilégio de classe. Nesse contexto, tenho-me dedicado a pensar como esses dados intervêm em políticas de línguas (Orlandi, 2002) que buscam reduzir desigualdades na formação de leitores, especialmente quando o objeto-livro é deslocado da escola para outro aparelho ideológico: o familiar.

Este breve estudo é parte da pesquisa *Livros, ideologias e infâncias: discursos na seleção de obras infantis para a formação de ambientes alfabetizadores*, em andamento, e filia-se à Análise do Discurso materialista e à História Discursiva dos Livros – perspectiva que toma o livro como discurso e busca compreender como ele se constitui, é formulado e circula nas distintas formações sociais (Esteves, 2018; Esteves; Pavan, 2020; Pinheiro, 2025, entre outros). A partir desse referencial, o recorte compartilha algumas conclusões preliminares do contraste entre dois projetos de seleção e penetração do objeto-livro na casa de crianças de até dois anos: o *Sacola Literária*, política pública de distribuição gratuita de livros aos alunos da rede municipal de ensino de Saquarema (RJ), que teve início e fim em 2023; e o Clube Quindim, iniciativa privada de assinatura de livros infantis, ativo desde 2016. O objetivo geral da pesquisa é explicitar a(s) ideologia(s) que determina(m) os critérios curatoriais de obras literárias para compor ambientes alfabetizadores no espaço doméstico, elucidando como esse acesso a obras “curadas” – que

¹ Mestranda do Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem da UFF.



curam? o quê? – no funcionamento difuso do par Escola-Família constrói sentidos sobre infância, leitura e biblioteca pessoal em condições de produção distintas.

No *Sacola Literária*, as obras destinadas a creche II (0-2 anos) são todas livros-brinquedo, sem indicação de autoria, como *O polvo Olin* (cartonado com dedoches, publicado pela editora Todolivre) e *Formas divertidas: Círculo* (livro de pano em forma de círculo, publicado pela Blu Editora, com enunciados do tipo “Olhe só que frutas deliciosas e redondas! Quais são?”). Já no Clube Quindim, projeta-se a autoimagem de que são selecionados “os melhores livros” (Clube, s.d.), muitas vezes premiados, como *O muro no meio do livro* (editora Pequena Zahar), do estadunidense Jon Agee, sobre preconceito e superação, e *Será?* (editora Mil Caramiolas), das baianas Lulu Lima e Amma, sobre a não transparência da função de objetos para um bebê – *Será que livros servem (só) pra ler?!*

Figura 1 – Capas dos livros analisados nos dois projetos de seleção (*Sacola Literária* e Clube Quindim)



Fonte: acervo da autora

Segundo o Edital Pregão Presencial nº 044/2023, que fundamenta o projeto público, o objetivo do *Sacola Literária* é “a formação básica do cidadão, mediante o pleno domínio da leitura e da escrita, para que os discentes se tornem críticos e participativos” (Saquarema, 2023). Ou seja, embora o livro seja retirado do espaço naturalizado como seu – a escola –, ele não deixa de estar inscrito no discurso pedagógico (Orlandi, [1983] 2023). O clube de assinatura, por sua vez, apaga a pedagogização na projeção de sua autoimagem, mas, a partir da análise discursiva dos livros selecionados, de seus peritextos e epitextos (Genette, 2009), é possível observar regularidades que atravessam os dois projetos.



Como lembra Orlandi ([1999] 2015, [1983] 2023), o discurso burguês proclama o ideal da igualdade, ao mesmo tempo em que organiza uma desigualdade real. Nesse sentido, ainda que o Clube enuncie o ideal universalizante de “democratizar a leitura” e “chegar a todos os cantos” (Clube, s.d.), o acesso às suas seleções depende da capacidade de consumo; os livros selecionados são acessíveis apenas para uma parcela da população, uma elite econômica e suposta elite cultural. Os significantes “curadoria” e “bibliodiversidade” são mobilizados como valores de mercado, convertidos em diferencial competitivo. Sua convocação ao discurso publicitário da Quindim produz o efeito de sentido de que sua proposta de valor não é o livro, mas a curadoria e a bibliodiversidade, que se consubstanciariam, por exemplo, em diferenças de origens, suportes materiais, personagens racializados, gêneros, tipos de leitura (para refletir/se divertir/se emocionar, etc.) e competências gerais da BNCC – apontando, já aqui, para o discurso pedagógico não-dito. A curadoria, enquanto instrumento de regulação do que pode e deve ser *lido*, é legitimada pela mobilização de uma memória de leitura institucionalizada à medida que o Clube enuncia, por exemplo, que acredita “no potencial transformador da leitura” e que a criança, lendo aqueles e não outros livros, “conhecerá outros mundos” (Clube Quindim, 2024). Produz-se, assim, a imagem de um “time de curadores” que sabe tanto sobre literatura infantil que é capaz de decidir *por mim* o que é bom para *a minha própria criança*. Esse efeito de sentido entre locutores (Quindim e adulto-assinante) materializa uma ideologia que interpela sujeitos urbanos escolarizados (Pfeiffer, 2000) e que funciona como apelo intergeracional a partir da evidência de que é desejável que a criança amada seja capaz de (se) transformar e de abrir portas para outras realidades.

Ambos os projetos se sustentam, pois, numa rede de formulações que relacionam livro, leitura e formação, instaurando o leitor como sujeito em falta, aquele que precisa ser (trans)formado a partir do conhecimento – conhecimento este que está nos livros. Como exemplo desse gesto analítico, destaco dois recortes referentes às apresentações desses dois livros pelo próprio Clube Quindim: em março de 2023, sobre *O muro no meio do livro*, é dito “Nem tudo é aquilo que parece ser...”; em dezembro do mesmo ano, sobre *Será?*, “Nem tudo o que parece ser, é...”. Essa repetição materializa uma regularidade enunciativa que reinscreve o discurso pedagógico, agora mediado pela ideia de descoberta e incompletude, tal qual sugerido pelo *Sacola Literária* – “O hábito da leitura incentiva a imaginação, criação, o cérebro, a comunicação, reflexão, amplia a conexão com o mundo e favorece o raciocínio desenvolvendo o senso crítico [...]” (Saquarema, 2023). O leitor é aquele que “ainda não sabe”, mas pode vir a saber; e o saber está dentro do próprio livro, *do outro lado do muro*.

Tanto no projeto público quanto no projeto privado, portanto, a criança é interpelada como sujeito-leitor a ser formado. Os efeitos de sentido significam a leitura como saber e a curadoria como instrumento, em distintos contextos sócio-históricos. É nessa formação discursiva que o livro é significado como meio de curar – curar o quê? O leitor: da carência leitora, no *Sacola Literária*; dos “livros bobos” (Clube Quindim, 2024), no Quindim.

Se o livro ainda é um privilégio de classe, garantir o direito ao gesto polissêmico de ler é estratégia de luta contra os efeitos do capital desde a mais tenra infância. Mas não basta distribuir livros diversos; é



preciso ousar se revoltar com determinações de para quê e para quem o livro serve, oferecendo bibliodiscursivodiversidade. Talvez este seja o muro que ainda precise ser atravessado.

REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos ideológicos de Estado**. Trad. Walter José Evangelista e Maria Laura Viveiros de Castro. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2023.

CLUBE de Leitura Quindim. **Quindim**, [s.d.]. Disponível em: <https://quindim.com.br/>. Acesso em: 12 ago. 2024.

CLUBE QUINDIM (@clubequindim). O que o Clube Quindim tem de diferente dos outros?. [Post no Instagram]. [S.l.]: Instagram, 11 jun. 2024. Disponível em: https://www.instagram.com/p/C8FZqXDJY0U/?img_index=1. Acesso em: 22 ago. 2025.

ESTEVES, Phellipe Marcel da Silva. História discursiva dos livros: enciclopédias e livros-reportagem como produtores de sentidos em bibliotecas. In: COELHO, Fabio André C.; ESTEVES, Phellipe Marcel da S. (Org.). **Estudos de linguagem: linguagem e democracia** - vol. 2. Teorias do texto, do discurso e da tradução. 1. ed. São Carlos: Pedro & João, 2023. v. 1, p. 89-104.

ESTEVES, Phellipe Marcel da Silva; PAVAN, Iuri. As Letras e a disciplinarização do objeto livro: Uma história das ideias linguísticas? **Porto Das Letras**, v. 6, p. 299-323, 2020.

FERREIRO, Emilia. **Com todas as letras**. Retradução de Sandra Trabucco Valenzuela. 17. ed. São Paulo: Cortez, 2017.

GENETTE, Gérard. **Paratextos editoriais**. Trad. Álvaro Faleiros. Cotia: Ateliê Editorial, [1987] 2009. (Artes do livro, 7).

INSTITUTO PRÓ-LIVRO. **Retratos da leitura no Brasil**: 6ª edição – 2024. Realização: Instituto Pró-Livro; parceria: Fundação Itaú; patrocínio: Itaú Unibanco; apoio: Abrelivros, Câmara Brasileira do Livro (CBL) e Sindicato Nacional dos Editores de Livros (SNEL); aplicação da pesquisa: IPEC. Brasília, 2024. Disponível em: <https://www.prolivro.org.br/>. Acesso em: 7 out. 2025.

NIELSEN BOOKDATA. **Panorama do consumo de livros**: um estudo sobre o perfil e hábitos dos consumidores de livros no Brasil. São Paulo: Câmara Brasileira do Livro, jan. 2025. Disponível em: <https://www.cbl.org.br>. Acesso em: 7 jun. 2025.

NIELSEN CONSUMER LLC. **Pesquisa Panorama do Consumo de Livros**: 2023. [S.l.]: Nielsen BookData, 2023.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **A linguagem e seu funcionamento**: as formas do discurso. 7. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, [1983] 2023.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. 12. ed. Campinas: Pontes Editores, [1999] 2015.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Língua e conhecimento linguístico**: para uma história das ideias no Brasil. São Paulo: Cortez, 2002.

PFEIFFER, Claudia Castellanos. **Bem dizer e retórica**: um lugar para o sujeito. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, 2000.

PINHEIRO, Gustavo José. **Leituras discursivas sobre bibliotecas no Brasil e na Itália do século XIX**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Letras, Niterói, 2025.

SAQUAREMA. Secretaria Municipal de Educação, Cultura, Inclusão, Ciência e Tecnologia. **Editais do Pregão Presencial nº 044/2023**. Saquarema, RJ, 2023.

THOMPSON, John B. **Mercadores de cultura**: o mercado editorial no século XXI. Trad. Alzira Allegro. São Paulo: Editora Unesp, [2011] 2013.